

Aleturgias: rituais de verdade que se movimentam no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)

Alethurgy: rituals of truth that movement in the Military College of Porto Alegre (MCPA) and the Brazilian Olympics of Public Schools Mathematics (BOPSM)

Josaine de Moura Pinheiro¹

Resumo: Este artigo apresenta um estudo de como rituais de verdade são colocados em operação no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e como eles se conjugam e se reforçam mutuamente, de modo a posicionar os alunos do CMPA como indivíduos assujeitados à racionalidade neoliberal, tornando-os competitivos e empreendedores de si mesmos. Os aportes teóricos que sustentam a investigação advêm do campo da Educação Matemática, vinculam-se às teorizações de Michel Foucault, principalmente àquelas desenvolvidas em suas obras *Segurança, Território e População* e *Do Governo dos Vivos*, convergentes às teorizações pós-estruturalistas. A tática metodológica adotada para analisar o material de pesquisa foi balizada pela análise do discurso, tratada e discutida por Michel Foucault. O material de pesquisa abrange documentos do CMPA e o site oficial da OBMEP. O exercício analítico efetivado sobre o material de pesquisa mostrou que as aleturgias colocadas em movimento no CMPA e na OBMEP possuem aproximação de táticas que convergem para os princípios da sociedade de controle e de regulação.

Palavras-chave: Aleturgia; Educação Matemática; CMPA; OBMEP.

Abstract: This article presents a study of how real rituals are put into operation at the Military College of Porto Alegre (CMPA) and the Brazilian Mathematics Olympiad of the Public Schools (OBMEP), and how they combine and reinforce each other in order to position the students of the CMPA as individuals subjects to the neoliberal rationality, making them competitive and entrepreneurs of themselves. The theoretical contributions that support the investigation come from the field of Mathematical Education, are linked to the theories of Michel Foucault, especially those developed in his works *Security, Territory and Population* and *The Government of the Living*, converging to post-structuralist theories. The methodological tactic adopted to analyze the research material was marked by the discourse analysis, treated and discussed by Michel Foucault. The research material covers documents from the CMPA and the official OBMEP website. The analytical exercise carried out on the research material showed that the notions placed in motion in the CMPA and the OBMEP have the approximation of tactics that converge to the principles of the society of control and regulation.

Keywords: Alethurgy; Mathematical Education; MCPA; BOPSM.

Introdução

O artigo analisa verdades que governam e são legitimadas por aleturgias² colocados em movimento no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). Tais análises são “inventadas”³ a partir do estudo de dois rituais: formatura de entrega de

¹ Professora do Colégio Militar de Porto Alegre. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: dra.josainemourapinho@gmail.com

² Rituais ou manifestações da verdade.

³ Aventuro-me a utilizar o termo “inventadas” para reforçar a ideia de que as análises de pesquisa não estão aí à espera para serem descobertas (não há método esperando para ser descoberto). Todavia, essa invenção (construção) depende da forma

alamar⁴ (CMPA) e entrega das medalhas de ouro⁵ (OBMEP). Esse estudo se vincula à perspectiva pós-estruturalista, por não definir um “método” para ser utilizado, e sim, inventa-se, no decorrer do processo, uma maneira com a qual as análises serão realizadas, em outras palavras, o caminho se faz andando. Ao contrário do estruturalismo, nessa perspectiva, não existem procedimentos pré-determinados que devem ser seguidos, pois não há caminho “certo”, e sim, existem possibilidades de trajetórias. Dessas, algumas, nenhuma ou todas podem funcionar, visto que nada é assegurado. Dito de outra forma,

O viés pós-estruturalista contribuirá, enquanto perspectiva teórica, visto que problematiza a fixidez dos significados, possibilitando transformá-los em fluidos e incertos. Além disso, uma perspectiva pós-estruturalista busca desconstruir os inúmeros dualismos de que é feito o conhecimento, [...] e colocaria sob suspeita as atuais e rígidas imposições de sentido. (SANTOS, 2015, p. 52).

A perspectiva pós-estruturalista e as pesquisas do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação Matemática e Sociedade (GIPEMS), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, impulsionaram esse estudo. O interesse por problematizar “verdades” que circulam no campo da Educação Matemática, tais como para aprender matemática, o aluno deve ter raciocínio lógico (GUIMARÃES, 2009), aprender matemática é difícil (SILVA, 2008), a modelagem matemática utiliza o interesse do aluno para ensinar matemática (QUARTIERI, 2012), a importância de trabalhar com a “realidade” para ensinar matemática (DUARTE, 2009) e a importância do uso do material concreto nas aulas de matemática (KNIJNIK; WANDERER, 2007), mostraram outro modo de conceber a pesquisa. Com esse olhar, foi colocado em suspensão uma das “verdades” que circulam no CMPA: “alunos do CMPA são ‘novos talentos’ da OBMEP, pois ‘sabem’ mais matemática”.

Quando se problematizam “verdades” na perspectiva pós-estruturalista, entende-se que

[...] a verdade não existe fora do poder ou sem o poder. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a muitas coerções e nele produz efeitos regulamentados pelo poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira que se sancionam uns e outros; as técnicas e procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2008, p. 12).

Este artigo apresenta um estudo sobre manifestações de verdade que são colocadas em movimento no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), a saber: formatura de entrega de alamar e cerimônia de entrega de medalhas de ouro. As alegorias referem-se ao referencial teórico utilizado, inspirados nos inscritos de Michel Foucault, que dizem respeito ao governo das condutas de sujeitos escolares pela manifestação de verdade. Apresenta análise que diz respeito ao conjunto de táticas da investigação de um colégio militar e sua conjuração com as práticas de uma competição, a saber, a maior olimpíada de matemática do mundo.

como se examina, escrutina-se ou olha-se alguma coisa.

⁴ Chama-se alamar a uma “marca” que o aluno dos colégios militares do Brasil usa em seu uniforme, pela conquista de notas acima ou iguais a 8, em todas as disciplinas. Mais adiante, na seção 2, destacarei esse aspecto.

⁵ Medalhas de Ouro: Nos níveis 1 e 2, serão concedidas medalhas de ouro aos 200 (duzentos) alunos de Escolas Públicas que obtiverem as maiores notas na prova da Segunda Fase de cada um destes níveis. No Nível 3, serão concedidas medalhas de ouro aos 100 (cem) alunos de Escolas Públicas que obtiverem as maiores notas na Segunda Fase no seu nível. Retirado de <http://www.obmep.org.br/regulamento.htm>, acessado em 20/10/2017.

Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA)

Historicamente, a escola resulta, de uma demanda social como um lugar onde se educa, tirando o sujeito de seu estado de selvageria e conduzindo-o à civilidade por meio da escolarização. É um lugar que se inventou e que inventa práticas discursivas e não-discursivas que subjetivam sujeitos a serem de um determinado “tipo”. Marcada pela disciplina, que objetiva corpos e subjetiva almas, ela inventa táticas e estratégias para conduzir sujeitos, buscando uma maior produtividade do tempo. Na instituição escolar, relações entre o dizível (práticas discursivas que estão presentes nos documentos) e o visível (práticas discursivas que se escrevem no aluno, por táticas e estratégias de subjetivação) constituem a maquinaria que forja alunos. (PINHEIRO, 2014, p. 17).

O estudo realizado foi desenvolvido no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), um dentre treze colégios militares do Brasil, que compõem o Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB)⁶, localizado na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Historicamente, a escola é uma invenção que data do século XVII. Mas foi apenas por volta de 1900 proibido o trabalho infantil, começando a haver a necessidade de governar essa nova infância, realidade muito diferente da do ser humano de seis anos do século anterior (ARIËS, 2011). Nessa mesma época, mais precisamente em 1912, o CMPA foi criado.

A instituição escolar, segundo Varela (1992), é uma máquina para governar a infância, ou seja, uma maquinaria necessária para fabricar sujeitos que saibam conviver em sociedade, visto que a infância é uma etapa da vida caracterizada por:

[...] maleabilidade, de onde se deriva sua capacidade para ser modelada; fragilidade (mais tarde imaturidade) que justifica sua tutela; rudeza, sendo então necessária sua ‘civilização’; fraqueza de juízo, que exige desenvolver a razão, qualidade de alma que distingue ao homem dos animais; e, enfim, natureza em que se assentam os germes dos vícios e das virtudes – no caso dos moralistas mais severos converte-se em natureza inclinada para o mal – que deve, no melhor dos casos, ser canalizada e disciplinada. (VARELA, 1992, p. 10).

Esse estudo se propõe a analisar como uma instituição legitimada, no caso, o CMPA, com suas normas, regras e rituais, contribuiu na constituição de sujeitos para a sociedade neoliberal brasileira. Examinarei como o ritual de verdade/formatura de entrega de alamar, que é colocado em movimento no CMPA, contribui na constituição de sujeitos de certo tipo, particularmente, sujeitos que se destacam na OBMEP. Essa maquinaria (CMPA) é repleta de rituais, os quais legitimam verdades sobre os alunos, objetivando e subjetivando esses sujeitos.

O CMPA, em 2012, completou 100 anos de sua inauguração. Nesse ano, possuía aproximadamente 1100 alunos matriculados, divididos, numericamente, quase que igualmente entre os “segmentos” mascu-

⁶ São treze os colégios militares brasileiros: Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ) – primeiro colégio militar do Brasil, criado em 1889; Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), criado pelo Decreto nº 9.397, de 28 de fevereiro de 1912; Colégio Militar de Fortaleza (CMF), criado pela Lei nº 1.931, de 05 de novembro de 1921; Colégio Militar de Belo Horizonte (CMBH), criado em julho de 1955; Colégio Militar de Salvador, criado no ano de 1957 pelo Decreto nº 40.843; Colégio Militar de Curitiba (CMC), criado em 1958, fechado em 1988 e reaberto em 1995; Colégio Militar do Recife (CMR), criado em dezembro de 1959, fechado em 1988 e reaberto em 1996; Colégio Militar de Manaus (CMM), criado pelo Decreto-lei nº 68.996, de 02 de agosto de 1971; Colégio Militar de Brasília (CMB), criado pelo Decreto 81248, de janeiro de 1978 – é o maior colégio militar em relação à quantidade de alunos, com aproximadamente 3.000; Colégio Militar de Campo Grande (CMCG), um dos últimos colégios militares a ser criado pela Portaria Ministerial nº 324, de junho de 1993; Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF), criado pela Portaria Ministerial nº 324, em 1993; Colégio Militar de Santa Maria (CMSM), criado em 1994, Lei nº 3879/1995 e Colégio Militar de Belém (CMBel), o mais novo colégio do sistema, criado pela Portaria nº 1.034-Cmt Ex, de 6 de agosto de 2015.

lino e feminino. Essa distribuição, que parece natural na maioria das escolas hoje em dia, não foi um fato que ocorreu com naturalidade desde a criação do Colégio (em 1912); pois, apenas no ano de 1989, houve o ingresso de alunas na instituição. Esse ingresso não aconteceu sem resistência:

[...] conversas com os militares brasileiros confirmam que o mundo feminino, construído a partir das percepções sexistas, é classificado de forma diferente e desigual e que as qualidades masculinas são exclusivas, assim como as femininas. E, entre as características femininas, a que mais aparece é a fragilidade. Temos um paradoxo: como admitir mulheres, por natureza fisicamente débil, em uma instituição que por definição tem que lidar com o monopólio da força bruta? Como incorporar pessoas que evocam os sentidos, a libido e o afeto em uma instituição que deve estar acima de sentimentos pessoais? (D'ARAUJO, 2004, p. 446).

Passados quase 80 anos de sua criação, um ambiente que era totalmente masculino e que não era pensado para um público “frágil” foi adaptado. Somente em 1989, foi permitido que as mulheres fossem aceitas no CMPA, mesmo sendo ressaltado que esse público (mulheres) era estranho, tendo em vista os costumes, as rotinas e – algo que pode parecer sem importância – a forma de vestir-se. Porém, essa estrutura, construída para um único tipo de sujeito (o homem), foi repensada, e inúmeras mudanças foram feitas para possibilitar a convivência entre meninos e meninas. A partir de 1989, alunos e alunas passaram a compartilhar o mesmo espaço, que não foi pensado para essa finalidade, mas que teve suas regras alteradas para que as meninas pudessem fazer parte da instituição.

A maquinaria colégio militar é administrada pelo Exército, uma instituição de caráter marcantemente hierárquico e disciplinar, em que a valoração da disciplina e da competição é naturalizada. A competitividade está visível no desempenho conquistado pelos colégios nas avaliações e esta não é questionada; em geral, muito pelo contrário, é tomada como qualidade, na formação de sujeitos que ali estudam. A busca pelo “desempenho acadêmico superior” e pela “disciplina” remetem-me a pensar no ensino jesuíta.

Naquele ensino, historicamente, a individualização do aluno era necessária para obter-se a obediência. Esta era uma virtude que os alunos educados pelos jesuítas deveriam buscar. Obedecer às regras estipuladas pelo regulamento escolar era a condição mínima exigida para que o aluno se tornasse capaz de possuir o “conhecimento” e ter um “melhor” desempenho, destacando-se entre seus colegas. Para que o aluno pudesse ter acesso ao conhecimento, ele necessitava dominar-se e obedecer às regras postas pela escola (DUSSEL; CARUSO, 2003).

A condução do ensino desenvolvido no CMPA se aproxima do ensino jesuíta pelo menos em dois aspectos: a hierarquia e a disciplina. Em relação ao primeiro, os alunos do CMPA são diferenciados de acordo com as notas que conquistam, recebendo em seu uniforme a marca dessa diferença (alamar)⁷ e de acordo com a posição⁸ que ocupam frente ao ano a que pertencem nas formaturas que ocorrem semanalmente, enquanto que no ensino jesuíta essa diferenciação era feita em relação à posição que o aluno ocupava em sala de aula, alunos “mais adiantados” sentavam nas primeiras classes. Já em relação à disciplina, o CMPA possui uma vigilância e regras direcionadas a premiações e sanções das atitudes de seus alunos que

⁷ Chama-se alamar essa “marca” que o aluno que se destaca pela conquista de notas acima ou iguais a 8, em todas as disciplinas, recebe. Mais adiante, na seção 4, destacarei esse aspecto.

⁸ A posição está relacionada com a classificação que o aluno conquistou durante o ano anterior e se refere à nota global de série.

Aleturgias: rituais de verdade que se movimentam no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)

marcam a importância que esse aspecto possui para a instituição.

Essa instituição, na contemporaneidade, modifica sua maneira de perceber essas diferenças, pois o sujeito é tomado com suas características e competências, sendo necessário respeitar as diferenças individuais. Estas não estão fixadas, *a priori*, pelo gênero do indivíduo, não existindo mais o que é característica particularmente feminina ou masculina. A captura do indivíduo por essa instituição encontra-se pelo desejo que possui de ser capturado por ela.

[...] escrever algo novo sobre a escola parece ser, por um lado, um desafio, na medida em que essa instituição e as práticas a ela relacionadas são analisadas por diferentes discursos, sob diferentes perspectivas e que sobre elas recai uma série de soluções e expectativas. Por outro lado, penso que a escola continua sendo tema necessário, relevante e atual, na medida em que se trata de uma instituição forte e poderosa tanto no imaginário social quanto para a constituição de sujeitos de novos tempos. (COUTINHO, 2010, p. 13).

Em face desse desafio citado por Coutinho, coloco-me a pensar no CMPA como instituição. Apesar de já se ter dito muito sobre ela, ainda há, a meu ver, muito que examinar, tanto pela sua importância na constituição do sujeito, quanto pela maquinaria que conduz as condutas dos sujeitos. E, nessa direção, analiso a formatura de entrega de alamar como um ritual de verdade, ou como uma aleturgia.

Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)

[...] programa que chama atenção pelo êxito alcançado é a OBMEP, a principal ação para a melhoria do ensino de ciências. A OBMEP foi criada em 2005 para atender uma demanda do presidente Lula, formulada quando tomou conhecimento que na tradicional Olimpíada de Matemática, realizada desde a década de 1970, a participação de alunos de escolas públicas era insignificante, pois estes “não tinham coragem de enfrentar os alunos mais bem preparados das escolas privadas”. Naquele ano a OBMEP teve a participação de cerca de 10 milhões de estudantes e desde então o número de inscritos tem aumentado continuamente. Em 2010 a OBMEP teve quase 19,7 milhões de alunos inscritos, de 44717 escolas em 99,4% dos municípios brasileiros. [...]. A realização da OBMEP só é possível com a participação de um exército de 120 mil professores voluntários. [...]. A OBMEP tornou-se um grande mobilizador do ensino da matemática e que está tendo grande impacto na melhoria de ciências das escolas públicas. (REZENDE, 2013, p. 279).

A disseminação de competições para alunos de escolas visando ao conhecimento em determinada área, no Brasil, data do século passado: Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM) (1979), Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA) (1998), Olimpíada Brasileira de Química (OBQ) (1999), Olimpíada Brasileira de Informática (OBI) (1999) e Olimpíada Brasileira de Física (OBF) (1999). Agregaram-se a essa lista, no século XXI: Olimpíada de Língua Portuguesa (2002), Olimpíada Brasileira de Biologia (OBB) (2005), Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) (2005), Olimpíada Brasileira de Geografia (OBG) (2008) e Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) (2009), entre outras.

Apesar da existência de várias competições denominadas “olimpíada”, há diferenças entre elas em muitas esferas: periodicidade (anual ou bienal), tipo de competidores (aluno ou equipe), premiações, etc. Em termos de diferenças, a única competição que é direcionada apenas para as escolas públicas, até o ano de 2016, foi a OBMEP. Esta contou com um número recorde de participantes em 2012 – aproximadamente, 19 milhões de alunos, o que lhe confere o título de Maior Competição de Matemática do Mundo (CEN-

TRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2010). Essa competição é uma atividade do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), prevista no Contrato de Gestão dos anos de 2010 a 2016 com o Poder Público e representada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

No relatório anual de gestão, exercício 2011 do (IMPA), consta como um dos itens os gastos com a OBMEP nos últimos quatro anos, custeados pelo MCTI. (IMPA, 2011).

Tabela 1. Despesas da OBMEP

Despesas	2008	2009	2010	2011
Programa				

Fonte: IMPA (2011)

No mesmo relatório, uma das metas contratadas pelo MCTI e desempenhadas com sucesso pelo IMPA é “a disseminação da matemática” pelo Brasil, o que seria medido de acordo com o número de participantes; a meta era participação de 16 milhões em 2011, que foi cumprida, já que o número nesse ano foi maior que 18 milhões. Apesar da quantidade de olimpíadas existentes, a OBMEP é a que recebe o maior incentivo financeiro do Governo e maior visibilidade na mídia, demonstrada pela quantidade de reportagens sobre a competição, os vencedores e as premiações em jornais e telejornais de grande circulação.

A Secretaria de Inclusão Social (Secis), do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), solicitou, em 2010, ao Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE⁹), um estudo para avaliar os resultados e os impactos da OBMEP. Esse relatório apontou alguns pontos e fez algumas recomendações para aprimorar a competição. Um dado ressaltado pelo estudo é a abrangência da OBMEP.

Segundo informações fornecidas pelos gestores da OBMEP, em 2010, do total de 5560 municípios brasileiros, apenas 45 não tiveram escolas inscritas, o que faz desta política pública uma das ações governamentais de maior alcance nacional, senão a maior

Fonte: CGEE (2011, p. 50).

Esse trecho torna evidente a abrangência da OBMEP em todo o território brasileiro. Apesar de a OBMEP ser tomada pelo Governo como uma política pública de inclusão, Pinheiro (2014) analisa a OBMEP como uma rede de táticas de governo. Em outras palavras, um meio para chegar-se a um fim (estratégia), nesse caso, uma das maneiras para conseguir alunos que saibam competir e ser empreendedores de si.

O Governo utiliza a competitividade como estratégia para constituir sujeitos competitivos e individualistas que desempenhem seu papel na sociedade neoliberal. Para conseguir alcançar seus objetivos, um dos meios é a OBMEP, pois esta possui a característica de ocorrer no campo prático. A OBMEP é um esquema operante que se modifica e se transforma no decorrer das avaliações dos resultados obtidos para alcançar as estratégias almeçadas.

⁹ O Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) é uma associação civil sem fins lucrativos e de interesse público, considerada como Organização Social pelo executivo brasileiro, sob a orientação do Ministério da Ciência e Tecnologia. Constitui-se em instituição de referência para o apoio contínuo de processos de tomada de decisão sobre políticas e programas de ciência, tecnologia e inovação. A atuação do Centro está dirigida para as áreas de prospecção, avaliação estratégica, informação e difusão do conhecimento.

Aleturgias: rituais de verdade que se movimentam no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)

Esse esquema operante que é a OBMEP pode ser tomado como uma *rede*, o que está em sintonia com a forma contemporânea de pensar. É um emaranhado de conexões e fluxos, com múltiplas entradas e saídas, e funciona de maneira que suas táticas formam um conjunto complexo, comunicando-se entre si e também com outras fora desse conjunto. Considerando a ideia de rede, Pinheiro (2014) inventa sua análise descrevendo a OBMEP como uma rede de táticas que funcionam rizomaticamente, isto é, como um conjunto de ações que se comunicam entre si, não pressupondo um processo de poder e hierarquização na importância de cada tática. Neste estudo, analisa-se uma das táticas da OBMEP, a saber, a Entrega de Medalhas de Ouro, como uma manifestação de verdade.

Formatura de entrega de alamares (CMPA) versus entrega das medalhas de ouro (OBMEP)

Segundo Foucault (2010), as maneiras de dizer o verdadeiro são denominadas aleturgias. Também se poderia dizer que aleturgia é um conjunto de táticas possíveis, dizíveis ou visíveis, responsáveis pela atualização do que é inventado como verdadeiro; dito de outra forma, é o ato pelo qual a verdade se manifesta. Tanto no CMPA quanto na OBMEP, há rituais que possuem potência de serem manifestações de verdades, como a formatura de entrega de alamar (CMPA) e a entrega das medalhas de ouro (OBMEP).

Formatura de entrega de alamar

O aluno no CMPA é avaliado e recebe notas, tanto na esfera cognitiva quanto na comportamental. Os alunos são considerados exemplos por terem desempenho satisfatório, o que é definido por obterem, em todas as disciplinas, nota periódica (NP) igual ou superior a 8 e nota de comportamento que os categorize como alunos com comportamento BOM.

Excerto¹

§ 1º É considerado “aluno-destaque” aquele que obtiver Nota Periódica (NP) igual ou superior a 8,0 (oito vírgula zero ou menção MB) em todas as áreas de estudo ou disciplinas do seu ano e no bimestre considerado, bem como em Educação Física demonstrando alto rendimento nos estudos e tornando-se exemplo para seus pares:

I - para a sua identificação e controle, é-lhe assegurado o uso do ALAMAR a partir da 1ª NP e durante o ano letivo considerado, conforme modelo previsto no inciso II do Art 18 no anexo “B” do RUE;

II - o aluno que obtiver a referida distinção, não a perderá durante o ano letivo em que conquistou o direito, salvo se baixar do comportamento BOM, quando terá seu uso suspenso;

III - o “aluno-destaque” deverá estar classificado, no mínimo, no comportamento “BOM”

Fonte: Regulamento Interno dos Colégios Militares -RI/CM (2002, p. 39).

Ao “aluno destaque”, é conferido o direito ao uso do “alamar”¹⁰, que é uma distinção concedida ao aluno que conquistou essa “honraria”.

¹⁰ São três tiras, duas vermelhas e uma bege, para os colégios militares do Brasil, colocadas no uniforme do aluno na altura do ombro esquerdo.

Excerto 2

Honraria concedida, a partir do 8º ano do Ensino Fundamental, aos alunos-destaques que conseguirem média maior ou igual a 8,0 (oito vírgula zero) em todas as áreas de estudo ou disciplinas de seu ano e estiverem, no mínimo, no comportamento “Bom” ao longo de todo o ano letivo, tornando-se exemplos para seus pares.

Fonte: Colégio Militar de Porto Alegre - CMPA (2013, p. 30).

Na comunidade escolar dos colégios militares, composta por indivíduos iguais perante a instituição no que concerne a obrigações e direitos, o alamar diferencia dos demais os sujeitos merecedores de serem destacados; entre os diferentes, estes compõem outro grupo, categorizado como o dos “alamarados” – uma “hierarquização ‘honorífica’, em que as roupas traduziam essa classificação aos olhos de todos [...]”. (FOUCAULT, 2011, p. 174).

Aluno de colégio militar vir a ser alamarado é uma possibilidade inventada em escolas militares como um aperfeiçoamento no sistema de recompensas. É interessante ressaltar que, em outras escolas, existem alunos com ótimo desempenho cognitivo e excelente comportamento, mas não são “alamarados”, pois essa possibilidade não está disponível nesses espaços e ainda não foi inventada.

Nos colégios militares, alunos são inventados como “alunos destaque” ou rotulados como “alamarados”. Essa invenção subjetiva indivíduos a serem não apenas o que são, como também o que poderiam ter sido, e as possibilidades do que poderiam ter sido são transformadas (HACKING, 2009). Essa invenção, do aluno alamarado, que possui em seu corpo a marca que o diferencia e o coloca na “vitrine”, como nos ensinou Foucault (2010, p.54), “é um ato pelo qual aquele que não sabe torna-se alguém que sabe”.

Vale destacar, ainda, que o “alamar” é entregue em uma solenidade semanal da qual participa toda a comunidade escolar do CMPA e é denominada formatura para “aluno destaque”, pelos pais ou responsáveis.

Nessa cerimônia, estão presentes professores, pais, familiares, monitores, a direção da escola, a supervisão escolar, todos os alunos do colégio que são as testemunhas que irão reafirmar que viram e asseguram que aqueles alunos são os melhores e que, portanto, merecem estar sendo reconhecidos. Os sujeitos da comunidade escolar formam uma cadeia de testemunhas que “termina sempre por constituir a verdade na condição que essa aleturgia, essa manifestação da verdade” (FOUCAULT, 2010, p. 53) atualiza a verdade de que esses alunos são os melhores.

Figura 1: Cadeia de testemunhas



Fonte: Própria autoria

Excerto 3

O estudante que obtiver a referida distinção não a perderá durante o ano letivo em que conquistou o direito de usá-la. Os alamares serão entregues em formatura, realçando o valor da conquista alcançada, conforme prescreve o RICM.

Fonte: Colégio Militar de Porto Alegre - CMPA (2013, p. 30).

Como destaca o excerto 3, não basta o aluno receber o “alamar”; este deve ser entregue em uma cerimônia composta por táticas que construam uma atmosfera de manifestação de verdade.

A formatura de entrega de alamares é uma dentre as formaturas que ocorrem semanalmente às quintas-feiras, das 7h30min às 8h10min. Nessas, todos os alunos do CMPA, aproximadamente 1100, são dispostos no batalhão escolar¹¹ em fileiras e organizados de acordo com a Companhia de Alunos à qual pertencem e o ano que estão cursando.

Cada Companhia de Alunos (1^a, 2^a e 3^a) é composta por dois agrupamentos, um de meninos e outro de meninas.

Para iniciar a formatura, o Coronel Aluno¹² dirige-se ao Comandante do Colégio, postando-se em posição de sentido e prestando continência, para apresentar o batalhão escolar. Nessa apresentação, o Coronel Aluno diz seu nome e comunica ao Comandante que o batalhão se encontra “pronto” para a formatura. O Comandante responde à saudação do aluno, também prestando continência e comunicando que o batalhão escolar se encontra em “condições”.

¹¹ É composto pelos alunos que ingressam no Colégio como dependentes de militares e também por aqueles estudantes que ingressam por meio de concurso.

¹² É a designação conquistada, por mérito, pelo aluno que, ao final do 2º ano do ensino médio, alcançou a maior nota global. Está calculada pela média aritmética das notas finais de todas as disciplinas, além de possuir nota de comportamento igual ou superior a 8.

Dispensando o Coronel Aluno, que retorna ao seu lugar no dispositivo escolar¹³, o Comandante do CMPA, em uma espécie de “palco”, que está disposto centralmente no pátio do Colégio e direcionado para o batalhão escolar, dá prosseguimento à formatura. Após a apresentação do batalhão escolar, o comandante dirige-se aos alunos e os saúda: “Bom dia, alunos do Colégio Militar de Porto Alegre. Bom dia, Casarão da Várzea¹⁴. Os alunos, em conjunto, respondem: “Bom dia, senhor Comandante”. Prosseguindo a formatura, ao comando da palavra “sentido”, militares e alunos colocam-se em posição de sentido¹⁵ e prestam continência para as bandeiras do Brasil, Rio Grande do Sul e Porto Alegre, que são hasteadas por alunos do Colégio durante a canção do Hino Nacional Brasileiro.

Após a Canção do Hino Nacional Brasileiro, o Comandante do Colégio dirige-se aos pais, responsáveis, convidados, professores e alunos com palavras que reforçam os motivos pelos quais todos se encontram na formatura. Nesse conjunto de procedimentos, um ponto a destacar é que, excepcionalmente, nessa formatura de entrega de alamares, em frente ao palco onde o Comandante se encontra e de costas para o restante do batalhão escolar, está postado outro agrupamento de alunos, formado por todos os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio que pertencem à classe dos “alunos destaque”.

O alamar é conferido a partir do 2º bimestre e refere-se ao desempenho que o aluno conquistou no 1º bimestre. A cada bimestre, são incorporados novos alunos alamarados, lembrando que o aluno, ao receber o alamar, adquire o direito de permanecer com o mesmo até o final do ano, independentemente do que ocorra com as notas nas disciplinas dos próximos bimestres.

É importante ressaltar que, em um universo de aproximadamente 1100 alunos, em torno de 300, mesmo satisfazendo as condições referentes a notas de comportamento e cognitivas, por estarem no 6º e 7º anos, não podem receber o alamar. Nesse sentido, podemos observar que há, dentre os 800 alunos que poderiam ser “alunos destaque”, cerca de 10% que, pelo seu mérito, conquistaram o alamar e passam a ser “os alamarados”. Do 2º para o 3º bimestres, mais que 90% dos alunos que conquistaram alamar no 2º bimestre também o conquistam no 3º bimestre. Isso torna esses alunos exemplos de persistência, empenho e disciplina. São merecedores do reconhecimento de seus pares, sendo colocados em posição destacada em uma cerimônia que é cercada por rituais que propiciam a manifestação de verdade.

Na formatura, após as palavras do Comandante, um orador, geralmente uma aluna, efetua a leitura do objetivo dessa formatura, que se destina à entrega de alamares, lembrando as condições necessárias para o aluno conquistar tal recompensa. Solicita-se, então, que pais, responsáveis ou indivíduos escolhidos

¹³ É outra maneira de denominar o batalhão escolar.

¹⁴ A denominação Casarão da Várzea é uma alusão ao prédio que ocupa uma região de Porto Alegre que já foi conhecida como “campos da várzea”. O casarão foi construído com o objetivo de abrigar instalações militares e tem a sua história relacionada ao ensino dirigido pelo Exército.

¹⁵ Ao comando de “SENTIDO!”, o homem unirá os calcanhares com energia e vivacidade, de modo a se ouvir esse contato; ao mesmo tempo, trará as mãos diretamente para os lados do corpo, batendo-as com energia ao colocá-las às coxas. Durante a execução deste movimento, o homem afastará os braços cerca de 20cm do corpo, antes de colar as mãos às coxas. O calcanhar esquerdo deverá ser ligeiramente levantado para que o pé não arraste no solo. Nesta posição, o homem ficará imóvel e com a frente voltada para o ponto indicado. Os calcanhares unidos, pontas dos pés voltadas para fora, de modo que formem um ângulo de aproximadamente 60 graus. O corpo levemente inclinado para frente com o peso distribuído igualmente sobre os calcanhares e as plantas dos pés, e os joelhos naturalmente distendidos. O busto aprumado, com o peito saliente, ombros na mesma altura. As mãos espalmadas, coladas na parte exterior das coxas, dedos unidos e distendidos, sendo que, o médio deverá coincidir com a costura lateral da calça. Cabeça erguida e o olhar fixo à frente. (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2012).

Aleturgias: rituais de verdade que se movimentam no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)

pelo aluno que irá receber o alamar, denominados de padrinhos, dirijam-se ao seu afilhado para colocá-lo o alamar e parabenizá-lo. O padrinho desempenha, por seu lado, um papel de testemunha, frente ao Colégio e à sociedade, de que seu afilhado é um aluno diferenciado em um colégio de excelência.

Enquanto os “alunos destaque” estão confraternizando com seus padrinhos e entre si, aos alunos do batalhão escolar foi comandado “descansar” e “à vontade”, para permanecerem em seus lugares, mas em uma posição mais relaxada, para assistirem a seus colegas recebendo a recompensa pelo estudo e esforço empregado.

Após aproximadamente cinco minutos, a oradora da formatura solicita aos padrinhos que retornem a seus lugares (ao lado do “palco” onde está o comandante) e que os alunos destaques se postem no dispositivo escolar junto a seus colegas. O aluno destaque sai de seu lugar de destaque e retorna a seu lugar de aluno do CMPA, compondo o pelotão de seu ano. Mesmo retornando ao seu lugar junto a seus colegas, o aluno destaque carrega em seu uniforme a marca “alamar” que legitima ser diferente de seus pares, mas mostrando a seus colegas que esses podem vir a fazer parte do grupo seletivo dos “alamarados”, bastando para isso que intensifiquem esforços em melhorar seus desempenhos. Com isso, o CMPA estimula o constante aperfeiçoamento e legitima um discurso que reforça que qualquer aluno pode, nesse caso particular, ser “aluno destaque”, o que depende exclusivamente dele mesmo. O aluno pode tornar-se exemplo para seus colegas, bastando investir em si e superar seus limites em uma competição que se baseia no mérito individual.

Os alunos alamarados permanecem quase toda a formatura em um lugar de destaque, constituindo um grupo que é privilegiado e que deve servir de exemplo para os demais. Esses alunos estão em um duplo sentido de sujeito:

Figura 2: Duplo sentido do sujeito



Fonte: Própria autoria

Continuando o exame do ritual que é a formatura, o Comandante do Colégio comanda ao regente da banda que conduza a canção do CMPA.

Excerto 4

Canção do CMPA
Somos espadas de um povo altaneiro,
Somos escudos de grande nação,
Em nossos passos marcham guerreiros
Avança a glória num pendão.
Na nossa escola forja-se a grandeza,
Temos no peito amor juvenil,
Em nossas cores toda a natureza,
Nós somos filhos do Brasil.
Salve o Brasil, CMPA!
Salve o Brasil, CMPA!
No valor de nossos avós, Salve o Brasil.
CMPA! Salve o Brasil, CMPA!
Na bravura dos seus heróis.

(Letra: Barbosa e Souza / Música: Arão Lobo)

Fonte: Colégio Militar de Porto Alegre - CMPA (2013, p. 33).

A canção é entoada por toda a comunidade escolar do CMPA, todas as semanas, durante a formatura. O aluno, quando a canta, exalta um aluno de outrora. A canção é atualizada para o mundo em que o aluno vive, um mundo que exige que o sujeito tome conta de sua própria existência, exigindo de si o máximo e tornando-se a “espada” que busca conquistar e o “escudo” que procura proteger o Brasil.

Os alunos pertencem a um colégio que forjou e forja “vencedores” e líderes que conquistaram seus feitos e “forjaram sua grandeza” apoiados no trabalho realizado com muito esforço, disciplina e alto desempenho acadêmico. Os alunos desse colégio de excelência são forjados na mesma matriz que forjou “os heróis de ontem e os líderes de hoje”.

Os alunos do CMPA também são constituídos em uma rede discursiva na qual uma das “verdades” reforçadas por vários rituais que as manifestam é que alunos do Colégio são destaques em áreas que escolherem para especializar-se.

Retomando a cerimônia de formatura, após a execução da canção do Colégio, o Coronel Aluno dirige-se à frente do batalhão escolar (em frente ao pavilhão das bandeiras) para entoar a “saudação escolar”, que indica que o fim da formatura está se aproximando. A saudação escolar é a demarcação para que o desfile do batalhão escolar se inicie.

Excerto 5

O Coronel-Aluno pergunta:
E ao COLÉGIO MILITAR, tudo ou nada?
Resposta em coro:
TUDO!
O Coronel-Aluno pergunta:
Então como é? Como é que é?
Resposta em coro:
ZUM, ZARAVALHO, OPUM,
ZARAPIM ZOQÜÉ,
OQÜÉ-QÜÉ,
OQÜÉ-QÜÉ,
ZUM!...
PINGUILIM, PINGUILIM, PINGUILIM,
ZUNGA, ZUNGA, ZUNGA,
CATE MARIMBÁU, CATE MARIMBÁU,
EIXÁU, EIXÁU.
COLÉGIO!

Fonte: Colégio Militar de Porto Alegre - CMPA (2013, p. 34).

O excerto 5 apresenta a saudação do Colégio, que é a mesma para todos os 13 (treze) colégios militares do Brasil, o aluno confessa que, pelo Colégio, ele fará “TUDO”. Reafirma seu comprometimento com um colégio que se destaca nacionalmente nas avaliações de grande escala e em competições em que o conhecimento é avaliado. Trata-se de um discurso que captura e subjetiva alunos para que empreguem o máximo de seus esforços e se dediquem – em apenas uma palavra, o aluno deve fazer “tudo” o que estiver a seu alcance para desempenhar sua parte e manter o Colégio na posição que ocupa hoje nas avaliações nacionais. Esse lugar é conquistado pelo mérito dos alunos que foram formados no Colégio. Esse discurso que encapsula o aluno reforça o que Foucault (2010) aborda sobre o sujeito.

Existe alguém que guia a minha vontade, que quer que minha vontade queira isso ou aquilo, e eu não cedo a minha vontade, eu continuo querendo até o fim, mas querendo a cada instante aquilo que o outro quer que eu queira. Quer dizer que as duas vontades restam continuamente presentes, uma não desaparece em proveito da outra; as duas co-existem entre elas com uma ligação na qual uma não substitui a outra, uma não limita a outra, mas que é uma ligação que liga as duas vontades de uma maneira tal que restam inteiras e permanentes; e de maneira que um queira totalmente e continuamente aquilo que quer a outra. (FOUCAULT, 2010, p. 88).

Na tática de entoar a saudação escolar¹⁶, ou saudação colegial, que não é somente uma saudação para apenas os alunos que ainda se encontram em um dos colégios militares, mas um “laço” entre todos os sujeitos que carregam marcas em suas constituições deixadas por essa instituição, esses sujeitos compõem uma comunidade que constitui uma visão de mundo, uma maneira de ser que os diferencia dos sujeitos que estão “fora” dela e individualiza os sujeitos, de modo que cada um deve ser responsável por si mesmo. Uma das marcas dessa instituição é o sujeito ser “disciplinado”, e essa é uma característica marcante nos alunos do CMPA, evidenciada pela execução de uma saudação que não tem tradução, mas é naturalizada

¹⁶ Denominação encontrada no Manual do Aluno do CMPA.

como uma prática que os alunos devem realizar sem questionar.

A ordem não tem que ser explicada, nem mesmo formulada: é necessário e suficiente que provoque o comportamento desejado. Do mestre de disciplina àquele que lhe é sujeito, a relação é de sinalização: o que importa não é compreender a injunção, mas perceber o sinal, reagir logo a ele, de acordo com um código mais ou menos artificial estabelecido previamente. Colocar os corpos num pequeno mundo de sinais a cada um dos quais está ligada uma resposta obrigatória. (FOUCAULT, 2011, p. 159-160).

A resposta dada à pergunta do Coronel Aluno – “Então como é? Como é que é?” – pelos 1100 alunos do CMPA é uma sucessão de palavras que foram treinadas até obterem o resultado esperado e sem levantar questionamento sobre o que significam. Como Foucault (2011) destaca “o que importa não é compreender a injunção, mas perceber o sinal, reagir logo a ele”. Não é relevante o que está sendo dito, mas o fato de que deve ser dito – não importa ser entendido, mas sim, ser executado.

Para finalizar a formatura de entrega de alamares, os alunos desfilam pelo pátio da escola, mostrando a todos os presentes o lugar que ocupam no Colégio e executando mais uma das táticas que cercam a formatura.

Desse modo, a entrega dos alamares é uma manifestação de verdade, constituída por um conjunto de táticas que afirmam a verdade de que os “alunos destaque” são aqueles que verdadeiramente representam a instituição Colégio Militar de Porto Alegre, ou seja, são exemplos do tipo de aluno forjado nesse colégio de excelência.

[...] manifestação fascinante que estava essencialmente destinada não para demonstrar, para provar qualquer coisa ou para refutar o falso, mas para mostrar simplesmente o verdadeiro. [...] não se trata da organização de um sistema utilitário de conhecimento necessário ou suficiente para exercer o governo, mas trata-se de um ritual de manifestação de verdade sustentada por um exercício de poder; de um certo número de relações que certamente não podem ser reduzidas ao nível da utilidade pura e simples. (FOUCAULT, 2010, p. 34).

Foucault (2010) ressalta que a manifestação de verdade mostra “simplesmente o verdadeiro”. A formatura de entrega de alamares não é “para demonstrar, para provar qualquer coisa ou para refutar o falso, mas para mostrar simplesmente o verdadeiro” (FOUCAULT, 2010, p. 75). Em outras palavras, é para mostrar a todos os integrantes da comunidade escolar do CMPA os alunos merecedores de serem destaques pelo excepcional desempenho que alcançaram em seus estudos.

O ritual de entrega de alamares compõe uma rede de complexas práticas do CMPA, que vão desde o disciplinamento do corpo até o disciplinamento da alma. Nessas práticas, tanto os alunos alamarados quanto os alunos que ainda não são destaque são levados a fazer um exame em si mesmos, confessando frente a si e a seus pares segredos da sua consciência.

A formatura de entrega de alamares, que pode ser categorizada como uma aleturgia, visto que é um conjunto de procedimentos que cercam a manifestação da verdade de que alunos são exemplos de alunos almeçados pelo Colégio, inventa uma atmosfera propícia para trazer à visibilidade

[...] provas constantes de verdade, nós temos necessidade sem cessar de autenticar isso que nós somos, nós temos necessidade de vigiar nós mesmos, de fazer emergir em nós a verdade de nós mesmos e de

Aleturgias: rituais de verdade que se movimentam no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)

oferecê-la àquele que nos observa, que nos vigia, que nos julga e nos guia. (FOUCAULT, 2010, p. 82).

Nesse ato de verdade que é a honraria em usar o alamar em seu uniforme, o aluno/sujeito ocupa os três lugares ou os três papéis para que o círculo da aleturgia esteja completo:

- a) operador – ele faz conhecer a verdade, mas não necessariamente está envolvido diretamente na manifestação;
- b) espectador – aquele que é entretido testemunha o que viu;
- c) objeto – o sujeito realiza um ato de verdade no seu interior, enquanto que é em relação a si mesmo que se descobre a verdade, ou ainda, ele que não sabia foi levado a saber.

De uma outra maneira, poder-se-ia traduzir a formatura de entrega de alamar como um círculo da aleturgia completo, pelo diagrama.

Figura 3: Círculo da aleturgia



Fonte: Própria autoria

Entrega das medalhas de ouro

A OBMEP legitima uma prática recorrente em competições categorizadas como “olimpíadas”, premiando os primeiros colocados com medalhas de ouro, prata e bronze, mas reverenciando os ganhadores da medalha de ouro. Trata-se, portanto, de mostrar à sociedade a que o aluno pertence, a sociedade brasileira, que não basta estar entre os melhores, que o que interessa é ser um dos melhores.

É importante ressaltar que as medalhas de prata e bronze são entregues em cerimônias realizadas nos estados, a critério dos responsáveis regionais da OBMEP. Estes, juntamente com as Secretarias Municipais ou a Secretaria Estadual de Educação, organizam os eventos, dos quais podem participar várias regiões. Tal prática reforça a ideia de que, apesar de esses alunos serem medalhistas, eles não fazem parte, ainda, dos alunos que merecem ocupar um lugar de destaque. Os alunos que compõem o grupo seletivo dos

“melhores entre os melhores”, que são os medalhistas de ouro, são aqueles que superaram seus limites, investiram em si mesmos e realizaram escolhas que promoveram uma melhor capacitação para alcançarem o objetivo pretendido, ou seja, pelo seu mérito individual, conquistaram seu lugar no grupo.

O cerimonial de entrega das medalhas de ouro para os “novos talentos” é realizado com os alunos vestindo uma camiseta fornecida pela OBMEP, sem identificação da escola a que cada um pertence, nem de estado ou município. Nesse momento, esses 500 alunos compõem uma comunidade dos “jovens brasileiros que mais sabem matemática”. Não importa a instituição à qual eles pertencem, suas condições sociais e econômicas, nem tampouco as condições da escola em que estudam; o que importa é que, mesmo com enumeráveis diferenças, eles fazem parte da “elite” da matemática do país. O esmaecimento do contexto que cerca o aluno corrobora o discurso neoliberal no qual o indivíduo é o único responsável pelo seu sucesso, que depende exclusivamente dos investimentos e esforços dispendidos por ele mesmo. Nesse pertencimento, ou constituição de um grupo de sujeitos tão diferentes, mas que pela “matemática” formam uma identidade comum e assim ocupam um local privilegiado, “[...] o que mais importa é manter os estranhos bem longe e defender o lugar¹⁷ ocupado em particular” (KLAUS, 2010, p. 43). Isso pode parecer um paradoxo em um mundo que se move constantemente e exige que o sujeito se adapte às novas demandas do mercado, reinventando-se para desempenhar seu papel, sem desperdício de tempo e de dinheiro.

Esse sentimento de pertencimento que o sujeito busca em tempos de constantes mudanças, instabilidades sociais e econômicas, individualismo e competitividade exacerbados vai ao encontro da busca pela “[...] segurança numa identidade comum e não em função de interesses compartilhados [emergindo] como o modo mais sensato, eficaz e lucrativo de proceder” (BAUMAN, 2001, p. 124).

A composição desse grupo de alunos que compartilha a conquista realizada pelos seus próprios méritos mostra uma identidade comum de serem “os melhores dentre os melhores”. Em contrapartida, reforça-se a ideia que essa conquista, isto é, fazer parte desse grupo de privilegiados, está ao alcance de todos os alunos.

Um dos fatores que legitimam o lugar de destaque dessa competição é que é a única cuja premiação é conferida em uma cerimônia, que em 2012 ocorreu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sendo entregues as medalhas aos alunos medalhistas de ouro (500) pelas mãos da Presidente da República, Dilma Rousseff. Nesse evento, ainda se encontravam presentes várias autoridades governamentais: secretário de Educação e Cultura do Tocantins, Danilo de Melo Souza; o ministro de Estado da Educação, Aloízio Mercadante; o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Marco Antônio Raupp; e o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. Do meio acadêmico, compareceu o diretor do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), César Camacho, entre outros. Essa cerimônia é apenas para os medalhistas de ouro, com a presença de autoridades, reforçando a importância dessa competição para o Governo. Trata-se de marcar a distinção entre os vencedores, pois não são todos que têm acesso à cerimônia junto ao alto escalão do Governo – somente os melhores dentre os “novos talentos” em matemática.

¹⁷ “O sentido de lugar se baseia na necessidade de pertencer não a uma ‘sociedade’ em abstrato, mas a algum lugar em particular, satisfazendo essa necessidade, as pessoas desenvolvem o compromisso e a lealdade” (SENNETT *apud* BAUMAN, 2003, p. 100-101). Podemos pensar que a defesa do lugar torna-se uma questão de comunidade.

Aleturgias: rituais de verdade que se movimentam no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)

Como discutido por autores como Gabi (2006) e Silva (2008), a matemática, historicamente, possui um lugar privilegiado junto às ciências, o que lhe assegura destaque na escola. Desde o Iluminismo, a razão é tida como indispensável para o desenvolvimento da sociedade com uma racionalidade ocidental. O sujeito deve primar pela ordem, pela racionalidade, pela resolução de problemas, utilizando-se de métodos, os quais devem ser criados a partir das “partes para chegar ao todo”, ou seja, ter uma *racionalidade*, e o sujeito deve ser o racional.

A razão cartesiana, que pode ser dita como uma racionalidade que vai ao encontro “da exatidão, da certeza, da perfeição, do rigor, da previsibilidade, da universalidade, da indubitabilidade, da objetividade, das ‘cadeias de razões’ (DESCARTES, 1983, p. 38) e que constituiu e constitui “verdades” sobre a matemática conhecida na sociedade e ensinada na escola, também foi “o sonho de Descartes, que foi o sonho de Euclides, que foi o sonho de Platão, que foi o sonho de Pitágoras e de todos os que sonharam, continuam sonhando ou sonharão os sonhos deles” (MIGUEL, 1995, p. 7). Descartes inventou um sujeito que, ao pensar existe; um sujeito capaz de usar sua racionalidade na vida, destituindo-se de sentimentos que não podiam ser racionalizados. O sujeito da razão é o que detém o poder de falar “a verdade”, já que é um ser inteligente, racional, que se utiliza da lógica racional para guiar suas decisões, e essa é a lógica esperada na sociedade ocidental.

Na escola, particularmente na área da Matemática, esse sujeito é capturado por discursos que reafirmam a necessidade da supremacia da razão, colocando como premissa ser racional e inteligente para o aluno ter sucesso. O duo razão-inteligência é reinventado por Piaget, que, em suas pesquisas, apontou para um sujeito inteligente como o que possui “alto nível de generalidade, elevado grau de abstração e maior rigor lógico” (MIORIM, 1995, p. 110), reafirmando a matemática em uma posição de destaque.

[...] posição de rainha das ciências, quando a natureza tornou-se o livro escrito na linguagem da matemática e quando a matemática assegurava o sonho da possibilidade de perfeito controle em um universo perfeitamente racional e ordenado. (WALKERDINE, 1995, p. 215).

Tomando esses dois fatores – o lugar privilegiado da matemática com a “rainha das ciências” e o risco que essa ciência apresenta para a escolarização do aluno, agregando o desempenho insatisfatório do Brasil no Pisa em matemática –, resalto alguns elementos que poderiam vir a contribuir para que a OBMEP recebesse uma atenção especial do Governo em comparação com as outras olimpíadas.

Considerações finais

A formatura de entrega de alamares e a cerimônia das medalhas de ouro da OBMEP são aleturgias que inventam formas de constituir sujeitos, “grãos dançantes na poeira do visível, e lugares móveis num murmúrio anônimo. O sujeito é sempre uma derivada. Ele nasce e se esvai na espessura do que se diz, do que se vê”. (DELEUZE, 2008, p. 134). Tomando a mão de Deleuze (2008), aventurou-se descrever, utilizando o conceito de “derivada”, que esses sujeitos são taxas de variações entre o dizível e o visível, o que se diz e o que se vê deles quando a diferença entre o dizível e o visível tender a zero, sendo constituídos tanto por práticas discursivas e não-discursivas colocadas em movimento no e pelo CMPA e na e pela OBMEP. Ma-

tematicamente falando, o limite entre o dizível e o visível tende a zero. No grupo de alunos alamarados do CMPA e no grupo de medalhistas de ouro da OBMEP, encontram-se os melhores alunos, mas não importa qual é o melhor dentre os melhores.

Utilizando as palavras de Foucault (2010), resalto que existem semelhanças entre as aleturgias: a formatura de entrega de alamares, que ocorre no CMPA, e a cerimônia de entrega das medalhas de ouro da OBMEP. Essas semelhanças tornam-se visíveis nos rituais de entrega de alamares e das medalhas de ouro (materialização). Nessas cerimônias, somente os “melhores” entre “alunos do CMPA”, já considerados pela mídia como alunos diferenciados por estudarem em uma das instituições de excelência no ensino, e os “melhores” entre “novos talentos” merecem receber reconhecimento e ocupar um lugar de destaque que é para poucos.

A distinção dos alunos no CMPA em alunos alamarados e não-alamarados vai ao encontro do que ocorre na OBMEP; pois, independentemente do contexto social e econômico que cerca os alunos que competem na olimpíada, por seus esforços e superação, eles conseguiram conquistar seu lugar nesse grupo seleto de 500 sujeitos dentre um universo de aproximadamente 19 milhões de alunos. Eles conseguiram participar da cerimônia de entrega das medalhas de ouro. Uma cerimônia que reforça e celebra a meritocracia.

Referências

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE - CMPA. “Colégio Casarão da Várzea”. **Manual do aluno**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.cmpa.tche.br/upload/arquivos/Manual%20do%20Aluno_CMPA%202013.pdf>.
- COUTINHO, K. D. Psicopedagogia e a produção dos escolares contemporâneos. In: SARAIVA, K.; SANTOS, I. M. (Org.). **Educação contemporânea e artes de governar**. Canoas: Ed. Ulbra, 2010.
- D'ARAÚJO, M. C. Mulheres, homossexuais e forças armadas no Brasil. In: CASTRO, C.; IZECKSOHN, V.; KRAAY, H. (Org.). **Nova história militar brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. cap. 17, p. 439-59.
- DECARTES, R. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ernantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.
- DUARTE, C. G. A “realidade” nas tramas discursivas da Educação Matemática Escolar. 2009. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.
- DUSSEL, I.; CARUSO, M. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. Ordem unida: posições. Brasília, 2012. **Blog do Exército Brasileiro Comandos**. Disponível em: <<http://exercito-brasileiro-cm.blogspot.com.br/p/odu-ordem-unida.html>>.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 39. ed. Petrópolis, RJ: 2011.

Aleturgias: rituais de verdade que se movimentam no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**. Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

GUIMARÃES, J. **Matemática escolar, raciocínio lógico e a constituição do bom aluno em matemática**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

GABI, G. G. **A rainha das ciências: um passeio histórico pelo maravilhoso mundo da matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

HACKING, I. **Ontologia histórica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

KLAUS, V. **Família, escola e capilarização do estado**. In: SARAIVA, K.; SANTOS, I. M. Canoas: Ed. ULBRA, 2010, p.37-60.

KNIJNIK, G.; WANDERER, F. Da importância do uso de materiais concretos nas aulas de matemática: um estudo sobre os regimes de verdade sobre a educação matemática camponesa. In: **ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**, 9., 2007, Belo Horizonte. Diálogos entre a Pesquisa e a Prática. Belo Horizonte, 2007.

MIGUEL, A. A constituição do paradigma do formalismo pedagógico clássico em educação matemática. **Zetetiké** Unicamp, Campinas, v. 3, n. 3, p. 7-39, mar. 1995.

MIORIM, M. Â. **Introdução à história da educação matemática**. São Paulo: Atual, 1995.

PINHEIRO, J. M. **Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): “novos talentos” da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

QUARTIERI, M. **Jogos de linguagem e educação matemática em Curso de Tecnologia em Gestão**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

REZENDE S. M. Uma década de avanço em ciências, tecnologia e inovação no Brasil. In: SADER, E. (Org.). **Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil**. Rio de Janeiro: FLACSO, 2013. p. 265-284.

SANTOS, S. A. **Docenci/ção: do dual ao duplo da docência em matemática**. Porto Alegre: UFRGS, 2015, 196 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, R. R. D. **Universitários S/A: estudantes universitários nas tramas de VESTIBULAR/ZH**. 2008. 166 f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

VARELA, J.; ALVAREZ-URÍA, F. **Arqueología de la escuela**. Madrid: La Piqueta, 1996.

WALKERDINE, V. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, 1995.